

## **A família imigrante italiana em Santo Amaro (1886 – 1935)**

### **Resumo**

Santo Amaro, outrora município independente de São Paulo, teve também no final do século XIX e início do XX a afluência de um número significativo de imigrantes italianos que mostraram algumas peculiaridades demográficas na composição de suas famílias. Ele estuda dois momentos na vida dos imigrantes: na saída da Itália para o Brasil e em Santo Amaro já estabelecidos. Essas composições familiares mostraram características de imigrantes localizados em locais urbanos diferentemente do imigrante típico que se localizou nas fazendas do interior do estado.

### **Abstract**

A significant number of Italians immigrated to Santo Amaro in the end of the XIX century and the beginning of the XX. Their family composition and demographics although differed peculiarly from the ones who located in the farms. Those immigrants data showed numbers typically found among urban ones. Two moments of their lives were seen: the moment in Italy when migrating to Brazil and when established in Santo Amaro.

### **Palavras-chave**

Imigração, Imigração italiana e Santo Amaro.

### **Key words**

Immigration, Italian immigration and Santo Amaro.

O objetivo deste texto é mostrar as composições familiares articuladas pelas famílias italianas e seus descendentes durante o período citado. Há evidências que mostram que o italiano que procurou Santo Amaro para viver tentava primeiramente trabalhar e, depois, exercer a profissão trazida da Itália, pois apesar de ter sido trazido como agricultor possuía profissão tipicamente urbana. Carelli (CARELLI, 1985, p. 40) afirma que *“os italianos que desembarcam no Brasil conhecem quase sempre uma profissão. Consequentemente, possuem um instrumento objetivo para a ascensão social”*. Ser essencialmente urbano é também uma das evidências que serão mostradas. Sobre esta característica do imigrante italiano, Alvim (ALVIM, 1986, p. 115) afirma que sua a mobilidade geográfica era uma forma de resistência à vida difícil que encontrava nas fazendas e que *“o campo não era de fato o objetivo da maioria daqueles que desembarcaram em São Paulo”*.

Basicamente a imigração estrangeira, mais notadamente a italiana para o Brasil, é marcada pela intenção oficial de fundamentá-la com a entrada de famílias constituídas evitando-se os homens solteiros. Analisado em suas grandes bases, este objetivo logrou êxito. Principalmente se for reportado ao período da grande imigração de princípios da década de 1880 até 1902, quando da ocorrência do Decreto Prinetti na Itália que proibiu a subvenção do italiano para o Brasil. De um modo geral, os estudiosos da família imigrante, mais notadamente a italiana, concorda, como Bassanezi (BASSANEZI, 1992, p. 288) que a *“imigração familiar foi muito importante”* para este grupo. Entretanto, há um forte componente empírico de que a maioria dos italianos solteiros que entrou no país era de imigrantes espontâneos. Seu número variou de acordo com a época e o tipo de imigração predominante, não sendo, porém, irrisório.

Para Martinho Prado, um dos ideólogos do projeto imigrantista, a presença dos familiares: esposas, filhos e pais, deixava os imigrantes mais seguros e felizes, portanto com uma maior disposição para o trabalho como é delineado no relatório apresentado em

1888 à presidência da província de São Paulo, quando Matinho Prado, como representante da Sociedade Promotora de Imigração demonstrou que a uma das razões por esta preferência, além da sua rápida colocação nas fazendas, era em virtude da não desagregação familiar e da possibilidade de encontrarem trabalho juntos e de poderem complementar a sua renda familiarmente, fato este considerado de grande importância para os imigrantes. Por outro lado, considerava-se que atrair os solteiros, como fazia a vizinha Argentina, aumentaria a rotatividade da mão de obra, pois a maioria vinha somente para a colheita e adquirindo algum pecúlio, retornavam ao seu país de origem. Prado acreditava que isso ocorria por faltarem a estes os motivos que os fizesse ter apego à terra e permanecer.

Logo de início faz-se mister traçar algumas das singularidades de Santo Amaro no período abarcado que trouxeram dificuldades na análise e da própria documentação consultada.

Em primeiro lugar, a extensão longa do período estudado, quarenta e nove anos, em um período de transição social, econômica e demográfica não permite generalizações. Há diferenciações profundas nos segmentos analisados. O imigrante italiano que chega em Santo Amaro em fins dos oitocentos não é o mesmo que chega em meados da década de 30 do século XX. Suas intenções ao chegar podem ter sido as mesmas, porém as macrocausas de sua emigração podem ter sido deferentes. As formas de sua localização da Europa para o Brasil também se modificaram da predominância da subsidiada, de 1886 até 1902; para a espontânea ou induzida de 1902 até 1935.

Neste espaço temporal de duas gerações, considerando cada geração 25 anos, a busca pelos nomes de família alcançou não somente italianos natos, mas também seus descendentes tornando difícil a sua distinção. A ferramenta é eficaz para os primeiros anos de imigração, quando o volume imigratório peninsular se avolumava e, principalmente, porque os nomes italianos distinguia o imigrante dos nativos. Porém, no avançar do século XX, com famílias italianas fixadas no país e com o nascimento de filhos no país

hospedeiro, a distinção somente pelo nome de família se torna impossível, pois, além disso, deve-se considerar que conforme o costume trazido da Itália, de os filhos de homens italianos têm seus nomes escritos da forma italiana, ou seja, prenome e nome de família. Houve casos, raros entretanto, que os pais obedeceram o costume brasileiro de mesclar os nomes de família facilitando a tarefa para o pesquisador. Esta é uma das razões para, por critérios metodológicos de se ter utilizado o *jus sanguinis* adotado na Lei nº 555 de 1912 da República Italiana que considera italianos os filhos de pai italiano mesmo em solo estrangeiro.<sup>1</sup> É a adoção de um conceito mais amplo de cidadania que carrega alguns perigos e inconveniências, porém os efeitos são de modo geral mais positivos que negativos. As estratégias do grupo são mais importantes para a análise que as estratégias individuais, mais notadamente para um período quando a influência paterna era muito mais notada socialmente que a materna.

Em Santo Amaro, pela dispersão de sua população italiana, pela diversidade das datas de chegada e, pelo fato de não ter existido uma colônia italiana propriamente dita, a reconstrução das famílias pelos seus nomes de família se torna impossível como realizado por Zanini (ZANINI, 2014). Seus dados foram muito mais homogêneos em relação à região de origem dos imigrantes e em relação à data de emigração e chegada ao Brasil. Somente com os registros nos livros da edilidade pesquisados, como o de Industrias e Profissões, de Imposto Predial e outros consultados não é possível afirmar com certeza se imigrantes com o mesmo nome de família eram de fato ligados por parentesco. Tal afirmação seria leviana e descuidada, pois nem sempre dois nomes de famílias iguais significam laços de parentesco. Foi somente pelos registros da Hospedaria dos Imigrantes, pelo Livro de

---

<sup>1</sup> Esta mesma lei considerava que o cidadão italiano e seus filhos perderiam a nacionalidade italiana caso o pai renunciasse à cidadania italiana. Na documentação há, contudo, alguns registros de italianos que se naturalizaram brasileiros, porém diante da impossibilidade de se verificar caso-a-caso se houve renúncia, este dispositivo legal se considera sem efeito para os estudos. A mesma lei transmite à mulher estrangeira casada com cidadão italiano a nacionalidade italiana, mesmo independente de sua vontade. A adoção do *jus sanguinis* obedece também às práticas legais da época em questão.

Casamento e pelo Livro de Inumação que se pôde, para alguns casos, estabelecer os parentescos.

Os italianos que se dirigiram a Santo Amaro não o fizeram como primeira opção bem como não houve a implantação de colônia oficial como ocorreu em São Bernardo e São Caetano, para relatar apenas as localidades próximas. Muitos passaram por diversas regiões do estado, do país e até mesmo de outros países antes de se fixarem na Villa. Embora para o todo dos imigrantes não seja possível saber suas datas e formas de entrada no país, pode-se dizer que os tempos de estabelecimento foram diferenciados. Alguns se dirigiram logo nos primeiros momentos de estada no Brasil, entretanto há apenas evidências indiretas de que tenham se dirigido a Santo Amaro para reestruturar as famílias. Os estudos de Vangelista (op. cit., p. 22) demonstraram que uma das estratégias dos emigrantes era de deixar os familiares na Itália para trazê-los somente quando uma determinada estabilidade já havia sido conquistada. E, mais importante, a taxa de masculinidade era realçada também pela preferência em se trazer os filhos homens e deixar as filhas. Segundo ela, a lógica seguida por eles era a de que *“que teria sido útil para acrescentar as potencialidades de trabalho de cada unidade”*. Ou seja, para o mundo do trabalho onde eles se introduziam, a força de trabalho masculina se traduziria em maiores oportunidades e rendimentos à família. Segundo ela, esta estratégia diferenciada para os sexos fica evidenciada pela não só pela presença dos filhos, mas também pela ausência de agregados. Da mesma forma, também a preferência por emigrar sem filhos ou com os filhos já maiores. É importante lembrar, no entanto, que na sua análise os componentes no momento da emigração e sua finalidade são bastante fortes, pois ela analisa o momento exato da emigração para colônias rurais no Espírito Santo. Os dados para Santo Amaro, embora não sejam tão completos, revelam realidades diferentes, entretanto. Para ambos os grupos, porém a inferência da autora (op. cit., p. 23) de que *“a presença de uma esposa dessa unidade e continuidade à família, o número elevado de filhos pequenos, abaixo de nove anos, reduzia os braços disponíveis e a expunha ao perigo de uma forte mortalidade,*

*acrescida pelas condições precárias em que se achavam as mulheres ao longo da gestação de outros filhos” se faz pertinente. Portanto, os estudos sobre as estratégias familiares devem ser estudadas separadamente, pois o comportamento dos que já chegaram casados e dos que chegaram solteiros são muitas vezes diferentes. Uma vez fixado no país, o imigrante tende, de modo geral, a se aculturar e se integrar na sua vida social, por esta razão os consórcios com nativos do local. Os casados também tendem a se permanecer mais e por mais tempo enquanto que os solteiros demoraram mais a se fixar.*

Foram analisados 565 registros de imigrantes italianos que se estabeleceram em Santo Amaro em algum momento de suas vidas. O tempo de permanência, entretanto, não pôde ser estabelecido com precisão, pois o levantamento foi realizado de acordo com o tempo de funcionamento das unidades de negócios que fundaram. Não há certeza de quando chegaram na Villa e nem de quando a deixaram. Destes registros pôde se estabelecer com precisão que 61 deles chegaram já casados. Uma percentagem pequena, de apenas 10,8% do total, mas que revela algumas estratégias de emigração e convida à reflexão. Destes em 34, ou seja, em 55,74% não há a indicação precisa de filhos ou de composições familiares na chegada. É possível que estes casais tenham trazido filhos, porém não se pode afirmar com exatidão. Em 7 deles há a indicação de familiares presentes, sendo que dentre estes, em 5 não há a indicação de filhos. Dos que trouxeram algum parente, a composição foi: em dois foi um sobrinho, junto com os filhos, o que indica possível apadrinhamento; nos outros a mãe, o pai, o irmão, a tia e um cunhado. Cumpre-se lembrar que os registros eram realizados como o chefe como base, ou seja, os familiares eram do chefe da família.

Uma parcela considerável dos imigrantes que se declarou casado veio separado de suas esposas e foram poucos os viúvos. Foram 14 dos registros dos que se declararam casados na chegada em que não há o registro das esposas. Em 8 deles a falha é da documentação consultada, seus registros de casamento foram obtidos pelo Livro de Inumação, e nele não consta o nome da esposa, portanto não podem ser utilizados para

análise de estratégia de emigração. Nos seis deles que foram obtidos pelo registro da Hospedaria dos Imigrantes, dois trouxeram os filhos: Luigi Troyano que trouxe as duas filhas de 20 e 16 anos e; Vincenzo Cornetti, que trouxe um filho de 10 anos. Todos estes casos são exceções ao estudado pela historiografia que indica como estratégia comum de emigração a vinda da esposa e de filhos homens. Embora incomum, há casos relatados de emigração do chefe da família deixando na Itália seus familiares ou para retornar, caso não tenha conseguido se estabelecer ou para trazê-los, caso tenha sido feliz em sua jornada. Em seu trabalho, Vangelista (VANGELISTA, 1998, p. 1339) relata o embarque de 467 pessoas oriundas do Piemonte em três navios entre outubro e dezembro de 1894 para o Espírito Santo. Neste embarque, a pesquisadora relacionou a possibilidade da emigração “pai com filhos”, que totalizaram 9 das 112 famílias embarcadas, ou seja 8% delas. Apenas 2 se declararam viúvos. Os dois trouxeram os filhos: Luigi Bertoli, um casal de filhos adolescentes e; Giuseppe Muraro, sete filhos de idades entre 17 a 4 anos. Apesar de não haver evidências, o falecimento da esposa pode ter sido a tragédia que culminou a decisão de emigrar com a família. Giuseppe Muraro se recasou no Brasil com a brasileira Benedita de Moraes e teve com ela pelo menos uma filha nascida em 1898.

Houve um caso que o registro de casamento foi percebido por uma escritura de compra e venda, o de Henrique Molinari com Giovanna Molinari. Não há o registro da existência de filhos e nem de como a família chegou ao Brasil.

Na Tabela 1.1 – Tamanho das famílias, pode-se verificar ao tamanho das famílias dos italianos que chegaram à Villa casados.

**Tabela 1.1 – Tamanho das famílias por número de filhos**

Número de filhos	Quantidade	% do total
nenhum	4	14,81
Somente 1	9	33,3

2 a 3	10	37,03
4 a 5	3	11,1
Mais de 6	1	3,7
<b>Total</b>	<b>27</b>	<b>100</b>

Fonte: Livro de Registro da Hospedaria dos Imigrantes. Disponível em [http://www.arquivoestado.sp.gov.br/livros\\_estrangeriros](http://www.arquivoestado.sp.gov.br/livros_estrangeriros).

Nota-se um predomínio das famílias de 2 a 3, o que, para época, não pode ser considerada uma quantidade grande de filhos. Em seguida, tem-se com um percentual bem próximo aos grupos familiares anteriores, as famílias com apenas 1 filho. Chama a atenção o número de famílias que chegou sem filhos, quase 15% do total e, por fim, as famílias que podem ser consideradas grandes que somaram apenas 15% do total, ou seja, há um predomínio das pequenas famílias contrariando, como afirmou Bassanezi (BASSANEZI, 1984, p. 2204), o que estava previsto “*na literatura e na própria tradição oral*”.

Analisando as idades dos filhos no momento da chegada pode-se perceber uma das possíveis razões para estas famílias serem consideradas pequenas. A Tabela 1.2– Idades dos filhos ao chegar ao Brasil mostra uma análise por idade dos filhos no momento da sua chegada ao Brasil.

**Tabela 1.2 – Idades dos filhos ao chegar ao Brasil**

<b>Idades</b>	<b>Quantidade</b>	<b>% do total</b>
Até 12 anos	33	64,7



De 13 a 18 anos	13	25,5
Mais de 19 anos	5	9,8
<b>Total</b>	<b>51</b>	<b>100</b>

Fonte: Livro de Registro da Hospedaria dos Imigrantes. Disponível em [http://www.arquivoestado.sp.gov.br/livros\\_estrangerios](http://www.arquivoestado.sp.gov.br/livros_estrangerios).

Há na composição familiar uma grande predominância das famílias com filhos menores de 12 anos, indicando, salvo raras exceções, que eram famílias recém-constituídas, ou seja, que os pais haviam casado há pouco. Como demonstrado anteriormente foi pequeno o número de viúvos, portanto, as famílias completas. Mesmo admitindo uma taxa de mortalidade alta para os recém-nascidos, não houve tempo na Itália para que estas famílias se constituíssem na totalidade. Destas apenas um dos filhos já chegou casado.

Uma verificação do sexo dos filhos dos emigrantes pode auxiliar a desvendar as estratégias de emigração. Segundo os apontamentos já citados de Vangelista, uma das estratégias dos emigrantes ao deixar seu país com a esposa seria a de dar preferência aos filhos homens em detrimento das filhas. Pela Tabela 1.3 – Filhos dos emigrados por sexo, pode-se discutir esta estratégia.

**Tabela 1.3 – Filhos dos emigrados por sexo**

<b>Sexo</b>	<b>Quantidade</b>	<b>% do total</b>
Meninos	66	65,35
Meninas	35	34,65
<b>Total</b>	<b>101</b>	<b>100</b>

Fonte: Livro de Registro da Hospedaria dos Imigrantes. Disponível em [http://www.arquivoestado.sp.gov.br/livros\\_estrangerios](http://www.arquivoestado.sp.gov.br/livros_estrangerios).

A pesquisa realizada em Santo Amaro referenda os dados apresentados por Bassanezi e Vangelista. Há uma forte desproporção entre os sexos, sendo que os meninos foram maioria entre os trazidos. Ocorreu uma pequena extensão da família, pois os filhos naturais foram mais de 90% dos trazidos. Os sobrinhos foram os mais comuns nas famílias consideradas extensas. Tal estratégia indica que as famílias preferiam trazer os meninos por questões de trabalho, pois consideravam mais fácil encontrar-lhes trabalhos monetariamente remunerados.

Os filhos pequenos, contudo, atrapalham esta estratégia, pois demandavam da mulher uma atenção e cuidados muito maiores, chegando, às vezes, a inviabilizar sua presença no trabalho fora do lar. Contudo, a hipótese principal não era o trabalho feminino fora do lar, mas sim, exercendo as atividades que socialmente lhe cabiam numa sociedade de fortes marcas de divisão sexual do trabalho.

A análise realizada no item anterior foi concentrada na figura de maior destaque e maior visibilidade por razões de composição e constituição da sociedade da época que dava maior predominância aos elementos do sexo masculino, portanto o imigrante italiano foi o mais focado. Da mesma forma, como uma característica própria da imigração italiana para Santo Amaro, estes imigrantes não apareceram, na maior parte das vezes, relacionados com suas famílias. E, infelizmente, de muitos não há documentação disponível para afirmar seu estado civil.

Vangelista (op. cit.), no entanto, em uma pesquisa focada em três listas de navios que aportaram da Itália ao Espírito Santo entre 1895 e 1896, observou que a predominância dos casais sem filhos parecia ser uma estratégia da imigração italiana, pois, reforça a preponderância dos filhos em detrimento das filhas para potencializar o trabalho de cada unidade. Na sua opinião (op. cit., p. 22), *“a mulher é necessária muito mais como esposa que como filha”*. Em termos gerais, no mundo, é uma estratégia que dentro do mercado e das oportunidades de trabalho oferecidas tem a sua lógica; cruel, porém que garantia a família mais braços para realizar os trabalhos oferecidos. Ela, no entanto, não parece

evidente ao mundo urbano, onde as mulheres, mais notadamente as pobres, podem exercer igualmente funções no mercado de trabalho. Não eram, entretanto, oportunidades em pé de igualdade aos homens em termos de ganhos ou de reconhecimento social, porém elas poderiam colaborar efetivamente com o sustento da família.

Há um caso comprovado documentalmente da estratégia de deixar as filhas na Itália e trazê-las após o estabelecimento da família em solo hospedeiro que foi a dos Morganti que chegaram com uma família composta por seis pessoas: os pais e mais três filhos; Arturo, com 21 anos; Teresa, com 17 anos e, Virginia, com 11. Pelo Livro de inumação de 03 do 11 de 1890 a 04 do 06 de 1892 encontraram-se os registros de uma outra filha de Gregório, Ímara, que se casou com Enrico Pongiluppi, porém não foram encontrados seus registros de entrada e nem de seu casamento. É possível, ao verificar as datas de chegada de sua família com as de Enrico, que tenha se casado ainda na Itália, pois ele veio sozinho para o Brasil, registrado, entretanto como solteiro.

Analisando as idades dos filhos dos imigrantes italianos pode-se perceber quais as estratégias utilizadas por eles ao emigrar. Pesquisadores como Bassanezi e Vangelista notaram que uma das estratégias dos emigrantes era de trazer meninos em idade de trabalho para que pudessem auxiliar nas rendas monetárias da família em detrimento das meninas.

**Tabela 1.4 – Idade dos filhos dos emigrados**

Meninos	Quantidade	% entre os meninos	% do total
Até 8 anos	20	30,3	19,8
De 9 a 12 anos	19	28,79	18,81
De 13 a 18 anos	19	28,79	18,81
Mais de 18 anos	8	12,12	7,92
<b>Total de meninos</b>	66	100	65,34

Meninas	Quantidade	% entre as meninas	% do total
Até 8 anos	21	60	20,79
De 9 a 12 anos	5	14,29	4,95
De 13 a 18 anos	4	11,43	3,96
Mais de 18 anos	5	14,29	4,95
<b>Total de meninas</b>	<b>35</b>	<b>100</b>	<b>34,65</b>
<b>Total</b>	<b>101</b>	<b>-</b>	<b>100</b>

Fonte: Livro de Registro da Hospedaria dos Imigrantes. Disponível em [http://www.arquivoestado.sp.gov.br/livros\\_estrangeros](http://www.arquivoestado.sp.gov.br/livros_estrangeros).

As faixas etárias da Tabela 1.4 foram idealizadas de acordo com as idades mais comuns de entrada no mercado de trabalho. Considerou-se o fato de que no final do século XIX e início do século XX as crianças entravam cedo no mundo do trabalho, ou seja, a partir dos nove anos de idade tanto para os meninos quanto para as meninas e que as crianças menores de oito anos foram trazidas por questões de sua sobrevivência dada às altas taxas de mortalidade e os cuidados que requeriam dos pais. Há de se considerar também que trazer os filhos com mais de 18 anos significava a possibilidade que eles poderiam logo casar-se e se afastar do núcleo familiar. Na pesquisa de Bassanezi (BASSANEZI, 1984, p. 2204), entretanto, ela concluiu que:

“Não era raro os filhos se casarem e ficar morando na casa do pai, geralmente o pai do marido, que continua respondendo pela família perante o fazendeiro, como comprovam algumas entrevistas e evidências observadas na documentação. Embora não consigamos detectar em que proporção este fato ocorre, provavelmente, ele contribuiu para reforçar a ideia de família grande, mas que a realidade prova justamente o contrário.”

Para o grupo da faixa etária de 13 a 18 a anos deve-se considerar que, principalmente as meninas, está entrando em idade para casamento e que os anos uteis de

sua contribuição para o trabalho familiar podem ser mais longos que o do grupo com mais de 18 anos sendo portanto a faixa etária mais vantajosa do ponto de vista do trabalho familiar.

Os dados apurados mantiveram o que a historiografia da família e a demografia histórica previam: o trabalho dos meninos é preferido ao das meninas e, por esta razão, foram trazidos mais meninos que meninas na razão de quase o dobro. As faixas etárias dos meninos foram praticamente equilibradas com pequenos declínios na mudança das faixas e o maior declínio observado entre a faixa dos 13 a 18 anos para os maiores de 18 anos. Entre as meninas há um predomínio da faixa até 8 anos, evidenciando a estratégia de proteção às crianças mais novas e sua não utilização para o trabalho. Considera-se que os pais preferiam trazer estas crianças por considerar perigoso deixá-las na Itália com parentes e outros. Houve equilíbrio também entre as outras faixas etárias consideradas, porém a distância numérica entre elas e a faixa anterior foi muito grande. É possível que as famílias preferissem deixá-las no país de origem salvaguardando-as para um possível matrimônio. Não raro que os pais tratassem das uniões já em tenras idades. Como observado por Vangelista, sua presença não considerada primordial para a sobrevivência da família, pois preferia-se a possibilidade de trabalho dos meninos.

Uma pequena parte dos italianos possuidores de unidades de negócios na Vila, total de dez pessoas, chegou ao Brasil solteira e em tenras idades. Formigoni Cenerino chegou ao Brasil sozinho e com 16 anos, fato raro, pois os sistemas de imigração preferiam homens mais velhos e com suas famílias. Sgarbi Cesare foi o que chegou mais velho, contando à época com 26 anos e o mais jovem foi Chiampim Pompilio que chegou com três anos. Sua família era liderada por seu avô Bortolo, que chegou com 60 anos. Seus pais, Cyrillo e Narcisa, tinham 33 anos ao chegar. Poucos se afastaram do modelo de família nuclear, mais notadamente a inclusão na composição as famílias por tios e sobrinhos.

O senso comum e uma determinada tradição histográfica considera que as famílias imigrantes italianas eram compostas por muitos membros. Conforme citado por Bassanezi,

há na tradição oral que “As famílias naquele tempo, sim que eram grandes. As italianas então...”. Porém, pesquisas mais recentes vêm evidenciando que o tamanho padrão destas famílias não era tão grandes como o considerado. Na sua pesquisa para Rio Claro, para um período de tempo bem parecido como o desta pesquisa, Bassanezi encontrou famílias com uma média de 6,9 pessoas, sendo que a moda apurada foi de 7 pessoas.

**Tabela 1.5 – Tamanho das famílias por número de pessoas**

<b>Número de pessoas</b>	<b>Quantidade</b>	<b>% do total</b>
Famílias de 1 a 4 elementos	22	81,5
Famílias de 5 a 8 elementos	4	14,8
Famílias com 9 ou mais elementos	1	3,7
<b>Total</b>	<b>27</b>	<b>100</b>

Fonte: Livro de Registro da Hospedaria dos Imigrantes. Disponível em [http://www.arquivoestado.sp.gov.br/livros\\_estrangerios](http://www.arquivoestado.sp.gov.br/livros_estrangerios).

Esta tabela foi montada com os mesmo critérios utilizados por Bassanezi<sup>2</sup> (BASSANEZI, 1984, p. 2203) para ter facilitar os termos de comparação empírica com os dados encontrados por ela em Rio Claro. Comparativamente, as famílias que chegaram a Santo Amaro eram menores que as encontradas por ela. Na Villa, ocorreu o predomínio das famílias de 1 a 4 elementos. Já em Rio Claro, o predomínio foi das famílias de 5 a 8 membros. Possivelmente esta diferença se tenha dado pela matriz econômica das duas localidades; uma pequena e semirural baseada no comércio de bens de subsistência, próxima a Capital e a outra em franco crescimento por estar estabelecida em torno do centro dinâmico da economia brasileira. Uma diferença fundamental é que os dados são

<sup>2</sup> A família é registrada com todos os seus membros, ou seja, chefes da família com filhos e agregados, que poderiam ser pais, tios, sobrinhos e afilhados.

referentes aos momentos da chegada dos imigrantes ao Brasil, ou seja, Rio Claro foi um destino mais natural que Santo Amaro, mesmo Bassanezi acreditando que para uma parte dos imigrantes a cidade não tenha sido a primeira escolha; o que não procede para a Villa, pois ela foi uma opção marginal para a maioria dos imigrantes, excetuando aqueles que foram chamados por parentes já estabelecidos.

Deve-se considerar também que possivelmente o tamanho destas famílias tenha sido influenciado pelo momento do corte histórico, ou seja, pela escolha de se verificar as famílias em seu momento de partida do país natal, o que pode revelar também as estratégias de idades de casamentos. Entretanto, não é sabido com precisão absoluta o tamanho efetivo da família, pois conforme levantou Vangelista (VANGELISTA, 1998), entre as estratégias de emigração das famílias estava a necessidade de que alguns membros permanecessem no país de origem. Resta, portanto, considerar a estratégia dos imigrantes efetivamente chegados a Santo Amaro e suas estratégias, mesmo sabendo que foram uma parcela menor do total de imigrantes. Deve-se considerar também o tempo levado pelas famílias para se estabelecer na Villa, mesmo não sendo possível determiná-lo com precisão para todas as famílias. Portanto, é possível que no momento de estabelecimento estas famílias tenham mudado de tamanho e composição.

Portanto, as famílias que emigraram para Santo Amaro não eram exatamente numéricas. É provável as famílias, neste caso específico, tenham tido diversas experiências profissionais em outros locais. Esta inconstância e demora para se estabelecer pode ter sido um fator determinante para o número de membros das famílias.

Portanto, em Santo Amaro foram verificadas algumas características diferentes no perfil da família imigrante. Foram elas:

- 1) Uma maioria de famílias nucleares compostas apenas pelos pais e filhos.
- 2) Um número de componentes menor que o esperado pela tradição oral e menor ainda que o verificado por especialistas em História da família imigrante.

- 3) Famílias compostas em maioria por casais já envelhecidos no final de sua vida reprodutiva para os padrões de sua época.
- 4) Predomínio dos imigrantes do sexo masculino em idade de trabalho. Por critério de idade predomínio quantitativo dos meninos em detrimento das meninas. Entre os meninos, um predomínio dos que tinham idade para o trabalho; e entre as meninas, um predomínio das menores que 8 anos.

## **BIBLIOGRAFIA GERAL**

### **a) Documentos manuscritos**

Livro de Casamentos de Santo Amaro 1887 a 1911 - Cota 4 - 1 - 4 (livro 11), ACMSP.

Livro de Casamentos São Paulo - Paróquia de Santo Amaro 1911 a 1917 - Cota 28 - 2 - 22 (livro 13), ACMSP.

Livro de Casamentos São Paulo - Paróquia de Santo Amaro 1917 a 1924 - Cota 08 - 1 - 36 (livro 13), ACMSP.

Livro de inumação de 03/11/1890 a 04/06/1892, Arquivo Municipal de São Paulo, vol. 1.

Livro de inumação de 1892 a 1905, Arquivo Municipal de São Paulo, vol. 2.

Livro de inumação de 1905 a 1909, Arquivo Municipal de São Paulo, vol. 3.

Livro de inumação de 01/01/1910 a 19/03/1923, Arquivo Municipal de São Paulo, vol. 4.

Livro de inumação de 20/11/1933 a 29/09/1937, Arquivo Municipal de São Paulo, vol. 6.

### **b) Documentos eletrônicos**



Registro de entrada de vários imigrantes italianos em [http://www.arquivoestado.sp.gov.br/livros\\_estrangeiros\\_popup.php](http://www.arquivoestado.sp.gov.br/livros_estrangeiros_popup.php).

### c) Bibliografia

BASSANEZI, Maria Silvia C. Beozzo. *A família na fazenda de café: tamanho e força de trabalho.* Belo Horizonte: ABEP, IN *Anais do IV Encontro Nacional de Estudos Populacionais, Vol. 4,* 1984. Disponível em <http://www.abep.nepo.unicamp.br/docs/anais/pdf/1984/T84V04A14.pdf>. Última visualização em 30/08/2014.

\_\_\_\_\_, Maria Silvia Beozzo. *As escolhas matrimoniais no velho oeste paulista.* Belo Horizonte: ABEP, IN *Anais do VII Encontro Nacional de Estudos Populacionais, Vol. 1,* 1990. Disponível em <http://www.abep.nepo.unicamp.br/docs/anais/pdf/1990/T84V04A14.pdf>. Última visualização em 30/08/2014.

\_\_\_\_\_, Maria Silvia Beozzo. *Padrões de casamento em uma comunidade em mudança: (1870-1890).* Belo Horizonte: ABEP, Anais do VIII Encontro Nacional de Estudos Populacionais, vol. 1, 1992. Disponível em <http://www.abep.org.br/?q=publicacoes/anais/anais-do-viii-encontro-nacional-de-estudos-populacionais-1992-volume-0031>. Última visualização em 30/08/2014.

CAMARGO, José Francisco de. *Crescimento da população no estado de São Paulo e seus aspectos econômicos. Ensaio sobre a demografia e a economia,* São Paulo: FFLCH-USP, Boletim nº 53, nº 1, vols. I, II e III, 1952.

CARELLI, Mario. *Carcamano e comendadores. Os italianos de São Paulo: da realidade à ficção (1919 – 1930)*, São Paulo: Ed. Ática, 1985.

CENNI, Franco. *Italianos no Brasil. “Andiamo in ‘Merica...”*, São Paulo: Livraria Martins Editora - Edusp, 1975.

DEAN, Warren. *A industrialização de São Paulo (1880 – 1945)*, São Paulo: DIFEL, 3ª ed., 1977.

\_\_\_\_\_, \_\_\_\_\_. *Rio Claro: Um sistema brasileiro de grande lavoura 1820 - 1920*, São Paulo: Ed. Paz e Terra, 1977.

DREHER, Martin (org). *Imigrações e história da Igreja no Brasil*. São Paulo: Ed. Paulinas, 1993.

FRANZINA, Emilio. *A grande emigração. O êxodo dos italianos do Vêneto para o Brasil*, Campinas: Editora da Unicamp, 2006.

LANGENBUCH, Jurgen Richard, *A Estruturação da Grande São Paulo – Estudo de Geografia Urbana*, Campinas: Tese de doutoramento apresentada à Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras de Rio Claro da Universidade de Campinas, 1971.

SAMARA, Eni de Mesquita. *A constituição da família na população livre*. Belo Horizonte: ABEP, IN [Anais do VII Encontro Nacional de Estudos Populacionais, Vol. 1](#), 1990. Disponível em

<http://www.abep.nepo.unicamp.br/docs/anais/pdf/1984/T84V04A14.pdf>.

Última

visualização em 30/08/2014.

SANTOS, Ivison Poletto dos. ***Imigrantes italianos em Santo Amaro: de agricultores a empresários (1886 – 1935).***; São Paulo: tese de doutorado apresentada ao Departamento de História da Faculdade de Filosofia, Ciências Humanas e Letras da Universidade de São Paulo, 2015.

VANGELISTA, Chiara. ***Os braços da lavoura. Imigrantes e “caipiras” na formação do mercado de trabalho paulista (1850 – 1930)***, São Paulo: Ed. Hucitec, 1991.

\_\_\_\_\_, \_\_\_\_\_. ***Gênero e estratégias migratórias: mulheres italianas imigrantes no estado do Espírito Santo Brasil, 1894-1895;*** Belo Horizonte: ABEP, IN Anais do XI Encontro Nacional de Estudos Populacionais, 1998. Disponível em <http://www.abep.nepo.unicamp.br/docs/anais/PDF/1998/a168.pdf>. Última visualização em 30/08/2014.